



Ensino & Pesquisa

Ensino & Pesquisa magazine is an interdisciplinary journal of the State University of Paraná (UNESPAR), Center for Humanities and Education. Its objective is to publish scientific articles focused on undergraduate and teacher education. Quadrennial Classification 2013-2016 - Teaching B1. (Preprints Policy-AUTHOREA Platform) ISSN: 2359-4381

Análise textual de artigos nacionais de Educação Emocional e suas potencialidades em relação ao indicador de Felicidade Interna Bruta

DOI: <https://doi.org/10.33871/23594381.2022.20.1.135-153>

Cecilia Decarli, Doutoranda em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS, Mestra em Biologia- Universidade do Vale do Rio dos Sinos- UNISINOS, cecilia_decarli@hotmail.com

Cíntia Inês Boll, Doutora e Mestra em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS, Pró-Reitora de Graduação da UFRGS e Docente Permanente no programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde (UFRGS), cintiaboll@gmail.com

Resumo: Este artigo apresenta uma análise textual de trabalhos acadêmicos encaminhados ao Congresso Nacional de Educação (Conedu) no eixo Educação Emocional, relacionando-os às categorias propostas pelo indicador de Felicidade Interna Bruta (FIB). Os objetivos foram identificar os conceitos mais utilizados nos artigos e elencar as categorias do FIB que desenvolvem em maior potencial, para verificar a influência de atividades curriculares que desenvolvem as emoções para a vida em sociedade. Através do método de Classificação de Reinert do software IRAMUTEQ, separamos as palavras utilizadas nos artigos em quatro classes textuais e as classificamos de acordo com as categorias do FIB, no intuito de elencar relações entre os conceitos emocionais abordados na educação brasileira o indicador, potencializando práticas de educação emocional. A análise textual de conteúdo permitiu verificar que as relações entre as práticas escolares envolvendo a educação emocional e as classes identificadas contemplam o desenvolvimento ético, integral e cidadão do aluno. Vislumbra-se a aproximação da educação emocional com o FIB em futuras aplicações do indicador no país, relacionando, assim, saberes acadêmicos e da educação básica para o desenvolvimento do bem-estar social e a felicidade de uma nação.

Palavras-chave: Currículo, Inteligência Emocional, Competência Emocional, Vivência emocional, IRAMUTEQ.

Textual analysis of national articles on Emotional Education and their potential in relation to the indicator of Gross National Happiness

Resumo: This article presents a textual analysis of academic works sent to the National Education Congress (Conedu) in the Emotional Education focus and relates the categories proposed by the indicator of Gross Domestic Happiness (FIB, in portuguese Felicidade Interna Bruta). The objectives were to identify the most used concepts in the articles and list the FIB, categories that develop the greatest potential, to verify the influence of curricular activities that develop emotions for life in society. Through the Reinert Classification method of the IRAMUTEQ software, we separated the words used in the articles into four textual classes and classified them according to the FIB categories, in to list the relationship between the emotional concepts addressed in the Brazilian education and in the indicator, enhancing emotional education practices. The textual content analysis made it possible to verify that the relationships delivered as school practices involving emotional education as classes contemplate the ethical, integral and citizen development of the student. It is glimpsed the approximation of Emotional Education with the FIB, in future applications of the indicator in the country, thus relating academic and basic education knowledge to the development of social well-being and the happiness of a nation.

Keywords: Curriculum, Emotional Intelligence, Emotional Competence, Emotional Experience, IRAMUTEQ.

Submissão: 2021-09-29. Aprovação: 2022-04-19. Publicação: 2022-04-30

Introdução

Neste trabalho foram avaliados artigos encaminhados ao grupo de trabalho Educação Emocional do Congresso Nacional de Educação (Conedu). O evento, que ocorre anualmente desde 2014, conta com um tema central relacionado à educação e os processos de ensino e prima pelo caráter inovador e tecnológico das produções encaminhadas, apresentadas e posteriormente publicadas em anais do evento. O objetivo principal do Congresso é incentivar a produção acadêmica em educação básica e superior, a fim de promover melhorias na sua qualidade (G1, 2019). O grupo de trabalho denominado Educação Emocional faz parte do evento desde a edição de 2017 e se propõe a:

Refletir sobre as bases teórico-metodológicas da Educação Emocional e seus desdobramentos no cotidiano escolar e não-escolar. Analisar as experiências de Educação Emocional. Discutir a questão da formação docente em Educação Emocional. Compreender as relações entre Educação Emocional e Práticas Integrativas e Complementares. Compreender a relação saúde e Educação Emocional. Examinar a Educação Emocional como instrumento de empoderamento de grupos populares e pessoas em situação de vulnerabilidade (CONEDU, 2020).

Como bases teórico-metodológicas, empregamos autores que elencam a educação emocional em equilíbrio com o desenvolvimento cognitivo e que abordam conceitos epistemológicos relacionados à educação emocional, como: inteligência emocional e competência emocional e ainda o conceito contemporâneo de vivência emocional.

Ao analisar as bases para a educação emocional, podemos citar a obra de Gadotti (2005), que surge na metade do século XX e aborda as teorias da Escola Nova. Nela, se percebe uma tentativa de ponderar os aspectos emocional e racional, já que até então o pensamento educacional tinha origens jesuítas “[...] de caráter verbalista, retórico, livresco, memorístico e repetitivo, que estimulava a competição através de prêmios e castigos” (GADOTTI, 2005, p. 231). Outros estudiosos da época, como Fernando de Azevedo (1894-1974), Lourenço Filho (1897-1970) e Anísio Spínola Teixeira (1900-1971), começaram a estabelecer debates em relação a educação tradicional, neste período começou o processo de democratização no ensino.

As reflexões de Paschal Lemme, Álvaro Vieira Pinto e Paulo Freire, por sua vez, colocam a função da educação como transformadora da sociedade (GADOTTI, 2005). Neste sentido, Freire (1996) faz uma analogia entre o ato de pensar e de ensinar:

Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e emoções, os desejos, os sonhos, devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura reacionista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse o rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual (FREIRE, 1996, p. 146).

O autor discute que os processos de ensino-aprendizagem estão relacionados a práticas emocionais e cognitivas, portanto, o ato de ensinar deve considerar a vivência humana do indivíduo. Segundo Goleman (2012), o currículo deve oportunizar que as crises pessoais tornem-se lições de competência emocional por meio da alfabetização emocional, proporcionando ensinamentos para a vida.

Nota-se que há mais de um século se pensa a educação de uma forma mais humanizada, no entanto algumas características presentes na educação e seus processos ainda não permitem sua aplicação efetiva, a principal e inicial causa é a desigualdade no acesso à educação e seus recursos para os diferentes públicos. Abordar a educação emocional no currículo é essencial para evoluir nesta causa. Os objetivos deste estudo são identificar conceitos utilizados nos artigos encaminhados ao grupo de trabalho denominado Educação Emocional do Conedu, analisar as classes de palavras presentes nos artigos e elencar as categorias do indicador de Felicidade Interna Bruta (FIB) abordadas. Dessa forma, pretende-se discutir a influência de atividades curriculares que desenvolvem emoções para a vida em sociedade.

Educação emocional e o Indicador de Felicidade Interna Bruta (FIB)

É evidente que professores e alunos criam vínculos na trajetória escolar e que a educação não tem como único papel fornecer formação acadêmica e a preparação para o mercado de trabalho. Portugal (1992 apud BRANCO, 2004) aborda a finalidade do processo educativo perpassado pela educação emocional:

A atual finalidade da Educação, como defende Bronfenbremer, é formar o homem psicossociocultural em integração dinâmica com os seus micro, meso e macrossistemas interiores e exteriores. E este Homem protagonista de si necessita de ser orientado para a eficácia pessoal, social, enfim global, numa perspectiva de sucesso (PORTUGAL, 1992 apud BRANCO, 2004, p. 17).

Desse modo, a formação do aluno está voltada também aos processos psicológicos,

sociais e culturais nos quais está inserido. Segundo Goleman (2012), a educação emocional surge a partir de 1960 com a ideia de Educação Afetiva e, hoje, chama-se emocional por lidar com temas como violência, drogas, gravidez na adolescência e outros problemas relacionados a fatores socioemocionais. O autor trabalha com o tema Inteligência Emocional dentro desta área, que é a inserção das emoções no currículo escolar.

Goleman (2012) também vê as emoções como necessárias para obtenção de qualidade e eficácia nas decisões, no comportamento e no raciocínio e defende a proposta de trabalhar com um quociente emocional (QE) em paralelo ao quociente de inteligência (QI). Ainda, a abordagem de habilidades emocionais na escola pode formar líderes para o mercado de trabalho, já que saber lidar com as emoções é essencial para tal (GOLEMAN, 2018). Estima-se, em outras abordagens discutidas a seguir, que a educação emocional também será de grande valia para o projeto de vida e formação social, cultural e cidadã do aluno.

Segundo Bisquerra (2000), a educação emocional age como prevenção, pois evita o desencadeamento de problemas relacionados aos pensamentos autodestrutivos e de estados patológicos. Desse modo, atua na criação e melhoria de vínculos entre os indivíduos, agindo sobre o desenvolvimento de habilidades sociais que, por consequência, são fontes importantes de bem-estar social.

A educação emocional contempla a inteligência emocional e a competência emocional como abordagens do campo epistemológico, que segue em construção, e são entendidas como temáticas emergentes nos tempos atuais (POSSEBON; POSSEBON, 2020). Ainda segundo os mesmos autores, a vivência emocional está relacionada à intensidade e experiência de vida, aos vínculos e às relações de amor – por si, pelo outro e pela natureza. Sua base principal é uma experiência repleta de significados, com vínculo amoroso e conexão com a vida.

Nesse sentido, a educação emocional colabora com a construção da felicidade, já que considera o aluno de forma mais completa e complexa, respeitando a importância da formação humana e cidadã, que vai além daquela tecnicista e conteudista. Sawaia (2003) argumenta que o aumento de possibilidades ocasionadas pelo impulso natural de preservação da vida é fundamental no processo de humanização, assim como “[...] felicidade, alegria e liberdade são necessidades tão fundamentais quanto aquelas, classicamente, conhecidas como básicas: alimentação, abrigo e reprodução” (SAWAIA, 2003, p.55). O autor ainda comenta sobre o envolvimento com as necessidades humanas

para vida pessoal e em sociedade:

O corpo vivo é mais do que a capacidade de se manter em pé e em movimento, é o corpo/mente com potência de ação para perseverar na autonomia e lutar contra tudo que nega a liberdade e felicidade de cada um e do coletivo. Negar as necessidades básicas do ser humano – potência de liberdade e felicidade, que podem ser traduzidas por reconhecimento, carinho, (com)paixão, ter em quem confiar –, é negar sua humanidade e gerar um profundo sofrimento que pode ser qualificado de ético-político (SAWAIA, 2003, p. 56).

Sendo assim, os processos de ensino contribuem para elevar o FIB. Assim como o Produto Interno Bruto (PIB) mede a riqueza de um país, o FIB mede a felicidade de um povo. Pesquisadores que trabalham com o FIB alertam para a necessidade de equilíbrio entre os dois indicadores, já que o desenvolvimento de uma nação precisa estar associado ao bem-estar da população (URA *et al.*, 2002).

No Brasil, há implantação deste medidor de desenvolvimento por parte do Instituto Visão Futuro, liderado pela monja hinduísta Susan Andrews, o qual já foi estudado por meio de um questionário que mede a felicidade (MOREL *et al.*, 2015). Andrews afirma “FIB não é meramente um indicador: é também um catalisador de mudança, um processo de mobilização social em prol do bem-estar coletivo e do desenvolvimento sustentável [...] visando o bem-estar de todos” (FOLHA UOL, 2010).

O FIB está alicerçado em nove pilares (KELLY, 2012), denominados em categorias. No Quadro 1 estão elencados os conceitos mensurados em cada uma e propostas de trabalho que podem ser realizadas em espaços formais e informais de ensino. Desse modo, visamos compreender os trabalhos desenvolvidos em educação emocional como potencializadores de felicidade para a vida em sociedade.

Quadro 1- conceitos mensurados para cada categoria FIB e suas aplicações em ambientes de ensino

Categoria FIB	Conceitos mensurados	Proposta de trabalho no ensino
Bem-estar psicológico	Autoestima, nível de estresse, espiritualidade e otimismo em relação à vida.	Conversas individuais; Mediação de conflitos; Traçar planos de vida; Boa relação entre professor/ aluno; Análise de relação familiar; Estímulo à produção criativa e expressiva.
Saúde	Analisa as medidas de saúde implantadas pelo governo, exercícios físicos, nutrição e auto avaliação da saúde.	Entendimento da dinâmica e complexidade da vida; Cuidados com o corpo e alimentação; Práticas de exercícios físicos e atividades que desenvolvam saúde mental.

Quadro 1- conceitos mensurados para cada categoria FIB e suas aplicações em ambientes de ensino, **contin.**

Uso do tempo	Tempo que o cidadão perde no trânsito e divisão das horas entre o trabalho, atividades de lazer e educacionais.	Reflexões sobre ser e estar num determinado ambiente; Uso de agenda e organizador de tempo para atividades pessoais e rotina escolar; Uso do tempo na escola para abordar emoções e não somente aspectos puramente cognitivos.
Vitalidade comunitária	Questão do relacionamento e das interações entre as comunidades. Analisa a segurança dentro da comunidade, assim como a sensação de pertencimento e as ações de voluntariado.	Tarefas em grupos; Debates acerca de temas atuais e polêmicos; Manifestações sociais e políticas; Atividades que desenvolvam confiança no outro e em si próprio; Criação de ações voluntárias e empreendedorismo social na comunidade.
Educação	Sonda itens como participação na educação informal e formal, valores educacionais, educação no que se refere ao meio ambiente e competências importantes no processo de ensino-aprendizagem.	Desenvolver histórico cultural de território; Uso de competências e habilidades propostas pela Base Nacional Comum Curricular-BNCC.
Cultura	Faz uma análise de tradições culturais locais, festejos tradicionais, ações culturais, desenvolvimento de capacidades artísticas e discriminação de raça, cor ou gênero.	Eventos escolares- organização e participação coletiva; Envolvimento de familiares e comunidade escolar; Atividades que contemplem as diversidades presentes no ambiente escolar.
Meio Ambiente	Estuda entre os cidadãos e os meios naturais como solo, ar e água. Estuda a acessibilidade para áreas verdes, sistemas para coletar o lixo e biodiversidades da comunidade.	Promover ações benéficas em relação ao meio ambiente, epidemiologia e sanitária em seu contexto de vida; Atividades de contato com a natureza e espaços fora de sala de aula.
Governança	Estuda como se relacionam a população e a mídia, o poder judiciário e sistemas de eleições e segurança.	Participação social e política nos espaços escolares; Análises críticas de situações oriundas de debates locais e globais contemporâneos.
Padrão de vida	Análise da renda familiar e individual, seguridade nas finanças, dívidas e qualidade habitacional.	Educação fiscal aplicada em sala de aula; Conhecer a classe social dos alunos e abordar diversidade e inclusão social.

Fonte: elaborado pelas autoras (2021).

Metodologia

A metodologia utilizada neste estudo foi de abordagem qualitativa, na qual o pesquisador analisa e interpreta dados quantitativos a partir do material selecionado, para tal utilizou-se a Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977) para análise dos dados, que *Ensino & Pesquisa, União da Vitória*, v. 20, n.1, p. 135-153, jan./abr., 2022

possibilita a ação baseada em textos e enunciados extraídos de documentos e é norteada por indicadores que dão mais objetividade à avaliação. Ainda, se verifica a presença da condição de homogeneidade no material analisado (textos), sendo todos eles apresentados em um formato único – no caso, os títulos e os resumos dos artigos.

Foram selecionados todos os artigos encaminhados e publicados em anais de evento para o grupo de trabalho denominado Educação Emocional nos anos de 2017 a 2019 do Conedu (edições existentes até o momento). Para os anos de 2017 e 2018, foram solicitadas listas dos trabalhos apresentados neste grupo de trabalho para a Comissão organizadora; já os trabalhos de 2019 foram localizados diretamente no site do evento.

Para o processamento de dados foram feitas análises estatísticas no *software* IRAMUTEQ a partir de um único arquivo, denominado *corpus*, que reuniu os textos originados pelos títulos e resumos de cada artigo encaminhado ao evento. A composição do *corpus* seguiu as regras sugeridas por Guimarães e Sales (2010), possuindo: exaustividade (foram utilizados todos os artigos referentes ao grupo de trabalho analisado); representatividade (a amostra utilizada foi representativa); homogeneidade (os artigos eram homogêneos, assim como a sua coleta e pertinência); e fontes de informações adequadas ao objetivo desta pesquisa, que faz uma análise nacional do conteúdo acadêmico gerado sobre Educação Emocional.

Para classificação estatística foi utilizado o método de Reinert. Reinert (1990), ao estudar a literatura francesa, considerou cada classe como uma noção de "mundo" e enquanto um quadro perceptivo-cognitivo, com certa estabilidade temporal e associado a um ambiente complexo. Em termos de manifestações linguísticas, estas classes podem indicar representações sociais ou campos de imagens sobre um dado objeto, ou somente aspectos de uma mesma representação social (VELOZ *et al.*, 1999).

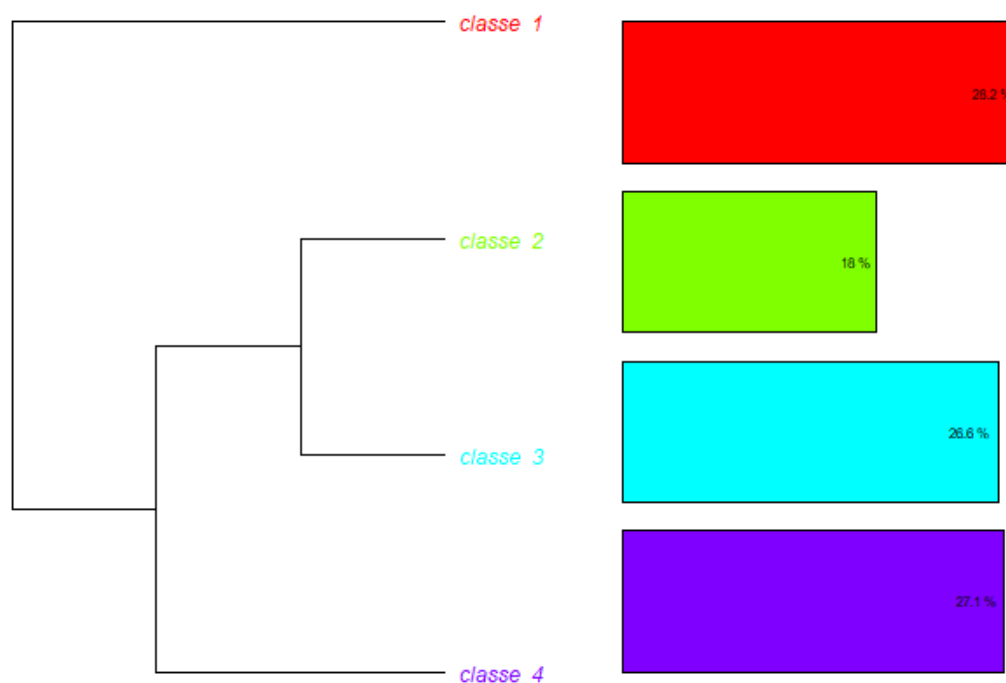
No caso dos artigos, o método de Reinert levou à aproximação de conceitos em cada classe, sendo verificadas por meio de dendogramas que representam a *Classificação hierárquica descendente - CHD*, as formas ativas (palavras) e sua ligação por meio de classes. Para cada classe proposta pela análise elencamos categorias do FIB que melhor se articulam com os artigos e com suas palavras principais. Mesmo que uma categoria pudesse se repetir em mais de uma classe, decidimos mantê-la apenas naquela em que melhor encaixava-se, com intuito de verificar se os temas abordados nas instituições de ensino estão em consonância ao que propõe o FIB.

Resultados e discussões

Foram analisados 245 títulos e resumos de artigos presentes nos anais do Conedu referentes ao grupo de trabalho de Educação Emocional entre os anos de 2017 e 2019, sendo: 81 artigos de 2017, 78 artigos de 2018 e 86 artigos de 2019. A metodologia empregada permitiu verificar por classes as palavras utilizadas nos artigos e relacioná-las à categoria do FIB em que melhor se adequam.

O *corpus* geral, constituído por 245 textos, foi separado em 1621 segmentos de texto (ST). Emergiram 57398 ocorrências (palavras, formas ou vocábulos), sendo 4438 palavras distintas e 1973 palavras *hapax* (ocorrência única), com aproveitamento de 1524 segmentos de texto (94,02%). Considera-se um bom aproveitamento de segmentos de texto o índice de 75% ou mais (CAMARGO; JUSTO, 2018). O conteúdo analisado foi categorizado em quatro classes: Classe 1, com 28,2% do total; Classe 2, com 18%; Classe 3, com 26,6%; Classe 4, com 27,1% (Figura 1).

Figura 1- Dendograma da *Classificação hierárquica descendente - CHD* com a porcentagem de conteúdo em cada classe e elaborado conforme as palavras com maior qui-quadrado (χ^2) fornecido pelo *software* IRAMUTEQ.



Fonte: elaborado pelas autoras no *software* IRAMUTEQ (2021).

A partir do dendograma que representa a *CHD* foi possível visualizar as palavras com maior porcentagem quanto à frequência média entre si e nos permitiu obter classes de *Unidades de Contexto Elementares- UCE* ao mesmo tempo com vocabulário semelhante entre si e vocabulário diferente das *UCE* das outras classes.. Esse dicionário de palavras proporcionou, através da utilização do qui-quadrado (χ^2), a análise das palavras que apresentaram valor maior que 3,84 e $p < 0,0001$.

Na análise das quatro classes fornecidas pelo *software* IRAMUTEQ, os ST foram agrupados em cada classe, que foram lidas exaustivamente para compreender e nomear cada uma de acordo com as categorias do FIB a que fazem mais referência. Desse modo, pela leitura das palavras em destaque e por sua inserção nos ST, foi possível fazer uma análise do conteúdo textual dos artigos acadêmicos da área de educação emocional e relacioná-los às categorias do FIB que desenvolvem em maior potencial. A denominação de cada classe de acordo com a FIB é a que segue:

- a) classe 1 - EDUCAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS: encontra-se separada dos demais *corpus*. Os artigos que usam esses ST estão ligados às categorias do FIB de educação, governança e padrão de vida, ou seja, ao eixo norteador de políticas públicas na área de educação emocional.
- b) classes 2 e 3 - PSICOSSOCIALCULTURAL: são partições, portanto, há estabelecimento de ligação entre as palavras abordadas. Representam a maioria dos trabalhos analisados e enquadram-se nas categorias FIB de uso do tempo, bem-estar psicológico e cultura.
- c) classe 4 - AMBIENTE E SAÚDE: tem formação independente e está relacionada às categorias do FIB de meio ambiente, saúde e padrão de vida.

É possível constatar, por meio da observação da representação fatorial (Figura 2), que as classes 2 e 3, denominadas de Psicossocialcultural, aparecem interligadas. Isto evidencia que os artigos que abordam a afetividade nos processos de aprendizagem em sala de aula e os que abordam a formação humana e integral, por meio de desenvolvimento de habilidades e competências emocionais, relacionam-se às categorias do FIB que tratam de bem-estar psicológico, social e de cultura.

A classe 4, denominada Ambiente e saúde, refere-se a artigos que abordam estados emocionais, como medo, alegria e raiva, e o trabalho pedagógico relacionado a prevenção, espiritualidade e saúde. Na figura 2, apresentada pelo *software*, é demonstrada como uma classe que se manteve distante ou minimamente relacionada à classe 2, que aborda a

Diante do exposto nesta análise textual, verifica-se que estudos brasileiros envolvendo competências da educação emocional em espaços de ensino-aprendizagem potencializam diferentes pilares do FIB. Segundo Bisquerra e Escoda (2007, p. 63), essa competência é “a capacidade de mobilizar adequadamente o conjunto de conhecimentos, capacidades, habilidades e atitudes necessárias para realizar atividades diversas com certo nível de qualidade e eficácia”. Com a abordagem da competência Emocional nos currículos escolares, os alunos estarão preparados para construir um projeto de vida mais saudável e feliz, que poderá refletir em uma sociedade mais justa e igualitária.

Segundo Gonzaga e Monteiro (2011), são essenciais mais pesquisas qualitativas e quantitativas envolvendo a inteligência emocional no Brasil, visando a aplicação da mesma em contextos organizacionais, educacionais e sociais. Estudos como o proposto neste artigo são um meio de disseminação da inteligência emocional e das competências emocionais. Partem do meio educacional, mas por consequência atingem as demais organizações de trabalho e sociais.

Nesse sentido, os autores Possebon e Possebon (2020) debatem o aspecto vivencial da Educação Emocional, distinto da competência e da inteligência emocional. Ele inclui as relações interpessoais e com a natureza como experiências amorosas e de conexão em sociedade. Nas palavras dos autores:

O aspecto vivencial diz respeito à intensidade da experiência com a vida – ele é a base para o desenvolvimento de um novo ser humano capaz de se vincular e manter relações de amor por si, pelo outro e pela natureza. Assim, compreendemos que a vivência é a possibilidade de instaurar novas aprendizagens de vinculação amorosa e de intensa conexão com a vida e, por isso, estão intimamente relacionadas com a experiência profunda, plena de significado (POSSEBON; POSSEBON, 2020, p. 171).

Compreendemos que as emoções estão intimamente relacionadas ao processo cognitivo de ensino-aprendizagem. Determinar em maior escala suas contribuições, perpassando os muros das instituições de ensino, faz deste estudo um facilitador para novas políticas públicas relacionadas à educação emocional no sentido da Educação para felicidade, que visa possibilitar uma experiência mais profunda e repleta de significados.

Segundo Possebon (2018, p. 14), “o Ser é uma completude, uma totalidade cujas partes se integram e estão implicadas, daí a impossibilidade de isolar um aspecto e trabalhar nele separadamente”. A afirmação intensifica a ideia de que a abordagem da educação emocional nos espaços formais e informais de ensino promove os diferentes

pilares propostos pelo FIB. Além disso, aborda a complexidade da individualidade de cada ser e seus vínculos amorosos que contemplam a vida em sua coletividade.

Conforme já mencionado, o FIB é um indicador que complementa outros indicadores sociais e econômicos. Borelli e Torres (2012) demonstram, através de análises fatoriais e de regressão, que o PIB não é uma medida suficiente, pois não representa o bem-estar social. Sendo assim, o FIB representa uma alternativa complementar ao PIB, que indicaria a felicidade de uma nação. Mesmo que o FIB ainda não esteja sendo largamente utilizado no país, indicar meios para sua abordagem na Educação é essencial para promover sua ascensão e efetivação enquanto indicador social.

Considerações finais

A partir deste estudo foi possível visualizar graficamente as classes de palavras usadas nos artigos acadêmicos encaminhados ao grupo de trabalho de Educação Emocional em um congresso nacional brasileiro pioneiro na temática. O grupo discute as práticas pedagógicas produzidas multidisciplinarmente por professores e outros profissionais da Educação que contribuem para uma formação educacional que prioriza as emoções e, conseqüentemente, colabora com o FIB brasileiro.

Por meio da Análise de Conteúdo, verificou-se que os temas abordados nas produções acadêmicas estão relacionados às classes denominadas educação e políticas públicas, psicossocialcultural, ambiente e saúde, cuja classificação está relacionada aos nove pilares propostos pelo FIB. A análise evidencia dados interessantes para estudos de educação emocional, como a distância entre a classe ambiente e saúde e a psicossocialcultural. Isto demonstra que práticas afetivas em espaços e ambientes diferenciados são mais comuns em ambientes paralelos à educação formal. São exemplos ações como meditação e técnicas de contato com a natureza, que ainda não são tão recorrentes em espaços escolares de acordo com os artigos analisados.

De maneira geral, a análise permite compreender quais tipos de práticas estão relacionadas e quais estão mais distantes entre si. A partir disso, os professores podem abordar práticas emocionais que interligam os temas propostos nos artigos acadêmicos estudados, a fim de contemplar o desenvolvimento humano ético, integral e cidadão do aluno.

Retomamos a ideia de Freire (1996, p. 26-27), que apresentou elementos que demonstram a compreensão de práticas pedagógicas como agentes de formação social e humana ao afirmar: “[...] faz parte da tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo”. O autor anuncia a autonomia mediante a liberdade, o respeito e o diálogo como capaz de promoverem e instaurar a ética universal do ser humano. Portanto, podemos inferir que artigos que trazem práticas de educação emocional em espaços escolares e não escolares contribuem para o FIB e, por consequência, para uma sociedade mais bem estruturada de valores éticos e morais. Compreender as categorias a que pertencem as práticas de educação emocional permite visualizar meios de alcançar a felicidade e o bem-estar social.

Este estudo propõe uma ferramenta básica de análise de produções acadêmicas na área de educação emocional e identifica os pilares do FIB abordados indiretamente nas mesmas. O procedimento pode ser replicado em outros estudos e contribuir para a divulgação do FIB e da importância do indicador em práticas afetivas em espaços de ensino-aprendizagem.

Vislumbra-se, com este estudo, a futura aplicação do FIB em estados brasileiros, relacionando-se diretamente as práticas de educação emocional como potencializadoras dos pilares do FIB. Sendo assim, pesquisas na área educacional que associem o saber acadêmico com a educação básica são essenciais para o estabelecimento de meios de alcançar o bem-estar social e a felicidade de uma nação.

Referências

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. 225 p.

BRANCO, A. V. **Competência Emocional**. 1 ed. Quarteto, 2004. 65 p.

BISQUERRA, R. **Educación emocional y bienestar**. Barcelona: Praxis, 2000.

BISQUERRA, R.; ESCODA, N. P. Las Competencias Emocionales. **Educación XXI**, v. 10, p. 61-82, 2007.

BORELLI, E., TORRES, A. R. (2012). O desafio da métrica da felicidade para um desenvolvimento sustentável. In **Anais do XVI Encontro Internacional sobre Gestão Empresarial e Meio Ambiente** (p. x-y). São Paulo: FEA-USP.

CAMARGO B.V., JUSTO A. M. **Tutorial para uso do software de análise textual IRAMUTEQ**. Universidade Federal de Santa Catarina. 2018.

CONEDU- Congresso Nacional de Educação, 2020. Disponível em: <<https://www.conedu.com.br/>> Acesso em 07 mai 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FOLHA UOL. FIB no Brasil, São Paulo, set. 2010. Disponível em: <http://carreiras.folha.blog.uol.com.br/arch2010-09-05_2010-09-11.html>. Acesso em 18 mar. 2021.

GADOTTI, M. **História das ideias pedagógicas**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2005.

GONZAGA, A. R.; MONTEIRO, J. K. Inteligência emocional no Brasil: um panorama da pesquisa científica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 27, n. 2, 2011, p. 225-232.

G1- Globo.com. **Ensinando e aprendendo**, 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ce/ceara/especial-publicitario/unifor/ensinando-e-aprendendo/noticia/2019/06/18/fortaleza-sedia-6a-edicao-do-congresso-nacional-de-educacao-em-outubro.ghtml>> Acesso em 07 mai 2021.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

GOLEMAN, D; BOYAT, R.; MCKEE, A. **O poder da inteligência emocional como liderar com sensibilidade e eficiência**. 1 ed. Rio de Janeiro, 2018.

GUIMARÃES, J. A. C.; SALES, R. Análise Documental: concepções do universo acadêmico brasileiro em ciência da informação. DataGramZero - **Revista de Ciência da Informação**, v.11, n.1, fev., 2010.

KELLY, A., 2012. Gross national happiness in Bhutan: the big idea from a tiny state that could change the world. **The Guardian**.

MOREL, A. P. S.; MACEDO, S. B.; VERONEZE, R. B.; FERREIRA, C. A.; COSTA, A. P. Dinheiro não traz Felicidade? Algumas revelações do Indicador de Felicidade Interna Bruta. **Rev. Reuna**, 83-108, 2015.

POSSEBON, E. G. **Educação emocional: aplicações**. João Pessoa: Libellus Editorial, 2018.

POSSEBON, E. P. G.; POSSEBON, F. (2020). Descobrir o afeto: uma proposta de Educação Emocional na escola. **Revista Contexto & Educação**; Educação, 35(110), 163–186.

REINERT, M. 1990. ALCESTE, une méthodologie d'analyse des données textuelles et une application: Aurélia de G. de Nerval. **Bulletin de méthodologie sociologique**, (28) 24- 54.

SAWAIA, B. B. Fome de felicidade e Liberdade, p. 53-64 IN: CENPEC- Centro de Estudos e pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária. **Muitos lugares para aprender**. São Paulo, 2003.

Ensino & Pesquisa, União da Vitória, v. 20, n.1, p. 135-153, jan./abr., 2022

URA, K.; ALKIRE, S; ZANGMO, T.; WANGDI, K., A Short Guide to Gross National Happiness Index, Thimphu, **The Centre of Bhutan Studies**, 2002, 96 p.

VELOZ, M. C. T.; NASCIMENTO-SCHULZE, C. M.; CAMARGO, B. V. 1999. Representações sociais do envelhecimento. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 12 (2), 479-501.